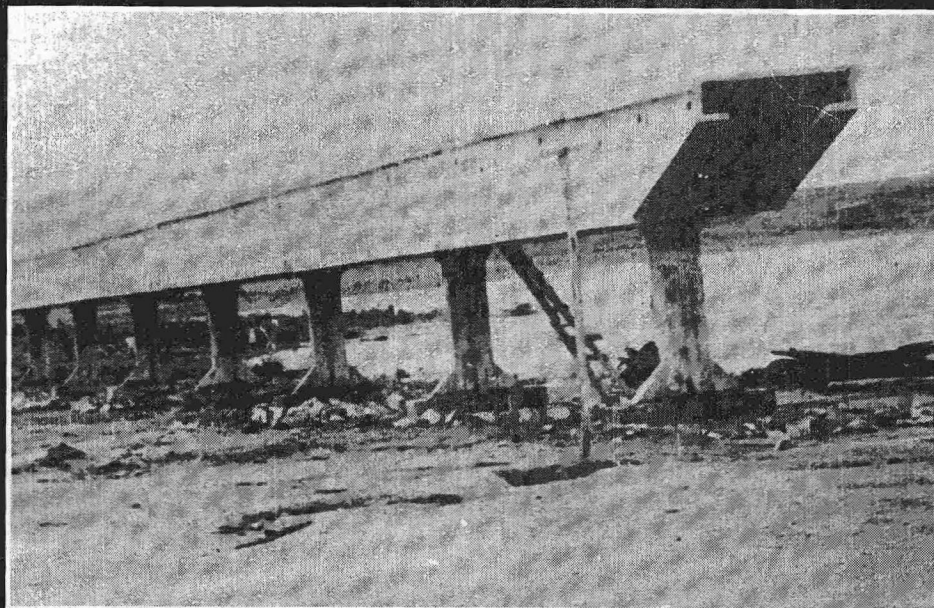
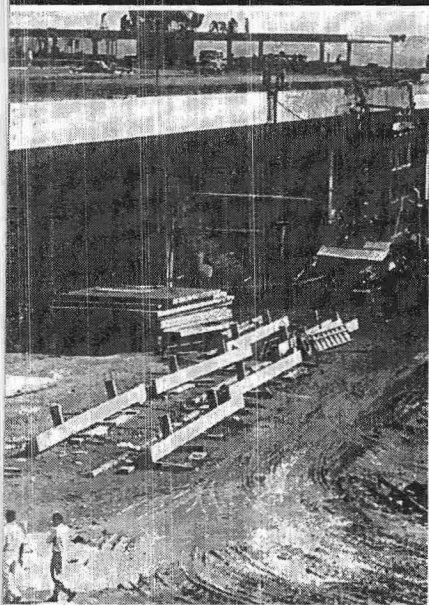




Na construção das grandes obras de Brasília, rodoviária e pontes entre elas, teriam morrido 3 mil operários até o dia da inauguração

Cada sonho arremessado do andaime

Os registros históricos mostram que a construção de Brasília custou muito mais que o empenho do então presidente Juscelino Kubitschek e o suor dos candangos que vieram arriscar a sorte no cerrado. Segundo estimativa do então juiz da Comarca de Planaltina, Lúcio Arantes, cerca de 3 mil processos relativos a morte por acidentes de trabalho passaram pela mesa dele durante os quatro anos, de 1956 a 1960, quando

a cidade saiu da escala da prancheta para a real.

Esse número aponta para uma média de dois operários mortos a cada dia nos inúmeros canteiros que coalhavam Brasília. Essa estatística sobre acidentes de trabalho poderia ser significativamente mais grave se tivessem sido preservados os números de ocorrências apenas com feridos. Quanto às fatais, o relato dos construtores da capital confirmam a existên-

cia dessa triste estatística.

Cintos de segurança, capacetes e luvas não faziam parte do universo dos trabalhadores. Não haviam equipamentos de segurança e muito menos qualquer tipo de orientação para evitar acidentes. Ao contrário, os peões eram incentivados a trabalhar mais para receber horas extras, um dos principais atrativos de mão-de-obra de outros grandes centros.

Era comum os operários trabalharem o dia e a noite inteiros. No Brasil, as discussões sobre segurança no trabalho só se intensificaram na década de 70, anos depois da inauguração de Brasília. Conforme o relato do juiz Lúcio Arantes, muitos dos corpos dos trabalhadores acidentados nos canteiros de obras de Brasília foram sepultados no cemitério da família Guimarães, na cidade de Planaltina.

Nos quatro anos de construção de Brasília, de 1956 a 1960, a média de operários mortos nas obras era de

2

a cada dia